



Guerra do Iraque: Imperialismo americano, contexto histórico a partir do Século XIX e suas consequências globais

Flavio Leandro de Souza de Lima, Sócrates Albuquerque Specht, Cainã Lucas Justino da Silva, Flávio Vinícius Silvari Freitas, Daniel João de Oliveira Filho, Thiago Luiz Carneiro Coelho, Pedro Henrique Lopes de Lima, Rafael Leal de Lucena Silva

Colégio Convergente - Carpina, Pernambuco, Brasil 

Autor para correspondência - raf6588@gmail.com

Palavras-chave: Saddam; EUA; Guerra do Iraque; Al-Qaeda; 11 de setembro

Ideologia imperialista europeia e estadunidense no Século XIX

O movimento Iluminista surgiu no século XVIII com a propagação do desenvolvimento científico e comercial, além de influenciar o pensamento social de importantes regiões do mundo. Neste meio, surgiu-se a teoria evolucionista do inglês Charles Darwin, defendida no livro *A Origem das Espécies*, expondo as mudanças dentro das espécies que ocorreram constantemente ao longo dos séculos, com o favorecimento de algumas sobre outras devido à capacidade destas de adaptação ao meio. A ideia foi espalhada por muitos pensadores que começaram a adotá-la, aplicá-la e usá-la das mais variadas formas.

Um desses usos foi como resolução para a proposta estabelecida de crescimento econômico e de influência de países poderosos da Europa, como a Inglaterra e França, bem como os Estados Unidos da América, que explorou ativamente e violentamente o continente Africano, Asiático e Americano. Esta situação deu origem a uma política internacional reconhecida como Imperialismo, surgindo posteriormente o Neocolonialismo. Este por sua vez, segundo o historiador Hobsbawm, é necessário não só retirar riquezas da colônia e acumulá-las na metrópole, como vender quantidades consideráveis de produtos industriais para as populações colonizadas.

Nesta perspectiva, os Estados Unidos praticaram vários atos a favor dessa conduta nos séculos XIX, XX e atualmente como foi citado pelos pesquisadores Franco, 2005; Oliveira, 2002; Blum, 2005 que indicavam os casos da República Dominicana (1903), Honduras (1903), Haiti (1914), Guatemala (1906), El Salvador (1931), Nicarágua (1909) passaram por várias ocupações no decorrer do século XX. México (1914), Venezuela (1908), também foram vítimas do ímpeto expansionista americano. Da instauração de governos pró-EUA a ocupações militares, todos presenciaram o ímpeto da superpotência. A República Dominicana, de 1905 até 1941 foi praticamente uma colônia americana, sendo seus impostos destinados aos cofres americanos. Até 1978 a Ilha foi dirigida por ditaduras financiadas pelos EUA. O Haiti foi ocupado de 1914 a 1936. De 1936 a 1991 o país foi administrado por ditaduras pró-EUA. Em 1994 o país foi novamente invadido por tropas estadunidenses que colocaram um novo governo no poder. Em El Salvador, os EUA apoiaram governos ditatoriais de 1931 a 1944. De 1960 a 1967 e de 1969 a 1979 eles apoiaram os guerrilheiros de direita chamados de “O Batalhão”,

responsáveis pela morte de mais de 60 mil opositores. Em 1979 o país foi novamente invadido pelos EUA que colocaram no poder uma nova ditadura que ficou até 1994. Na Guatemala, os EUA apoiaram governos submissos e intimamente ligados e dependentes deles de 1906 até 1944. Derrubaram governos democráticos e implantaram ditaduras militares com intervenções militares em 1954, durando até 1965, e novamente de 1970 a 1985. Durante essas ditaduras, fortemente repressoras, o país passou por grandes conflitos internos, entre o governo ditatorial pró-EUA e terroristas de direita, de um lado, e guerrilheiros de esquerda, de outro, numa verdadeira guerra civil. Teve como trágico resultado cerca de 120 mil mortos, a maior parte civis ou membros da oposição.

Diversidades étnicas e confrontos na região

"Cultura, ou civilização, entendida em seu sentido etnográfico mais amplo, é aquele todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moralidade, lei, costume e quaisquer outras habilidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade" (TYLOR, 1871). Além disso, o antropólogo entendia a cultura como sendo encontrado ao redor do homem sendo independente do individualismo ao funcionar como universal para todas as sociedades do planeta. Nesse sentido, ainda segundo Tylor, existem várias culturas, além de que estas são marcadas por uma série de subdivisões como crenças, arte, moral, lei, costumes e quaisquer outras habilidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

Um exemplo dessa diversidade é o Oriente Médio que possui variadas representações dessas divisões, sendo a mais expoentes delas o caráter religioso das populações que convivem nessa região. No entanto, nessa região nasceu e se desenvolveu religiões que acreditam no contrário, que existem populações aculturais ou inferiores culturalmente porque não adotaram certas características e interpretações do mundo. O principal expoente destas é o extremismo islâmico. Primeiramente prega uma interpretação autoritária de certa interpretação do livro sagrado desses religiosos: o Alcorão. Segundamente, a imposição da Sharia, ou o conjunto de normas derivado de orientações das falas e condutas do profeta Maomé contidas no livro sagrado Alcorão, para qualquer região influenciada por ele.

Esta conceitualização apesar de ser aceita pela minoria da população islâmica local possui adeptos suficientes para desenvolver e pregar o uso de

ações violentas na repressão de quaisquer contrariedades a essas ideologias. Com esse pensamento existem vários grupos locais e internacionais que o adotam como: Al-Qaeda, Estado Islâmico e o Talibã, gerando um constante conflito entre esses grupos e governos, além de um clima de tensão dentro da região que dizimam civis, sejam eles mulheres, idosos, homens ou crianças.

Guerra Irã-Iraque e guerra do golfo

A Revolução Islâmica foi um período de tensão social contemplado pelo Irã, em que consistiu na queda da monarquia pró-Occidente e aliada dos EUA pelo apoio popular e pela onda conservadora religiosa. Após a deposição, foi instalado um governo teocrático xiita, com a perda da relação com os EUA e ameaça aos governos sunitas, incluindo o Iraque de Saddam, cujo ditador havia chegado ao poder naquele mesmo ano. Pelo desgaste da relação Irã-Iraqiana e pela repressão do ditador aos Xiitas, foi declarada a guerra Irã-Iraque.

Saddam, que já se preparava ao conflito, tinha como principais objetivos conquistar o Irã para unificação e expansão territorial, bem como evitar revoluções xiitas e tomar posse de províncias ricas em petróleo. Já no lado iraniano, havia um sentimento parecido, só que era de unificação com o povo xiita. Os EUA e Arábia Saudita naquela guerra apoiaram o Iraque. Ainda assim, quem conseguiu impor-se melhor foi o Irã, que impediu o avanço imediato iraquiano e fixou-se em território adversário. Mesmo assim, o país iraniano desistiu e deu bandeira de cessar fogo com seu inimigo, considerando um empate.

Após o conflito armado, a venda petrolífera estava ruim aos Iraquianos, formando um momento de crise econômica. O Iraque acusava o Kuwait de ser o grande responsável da crise por extração de petróleo próximo à fronteira. Com isso, Saddam decide invadir o Kuwait na alegação de ser uma “província histórica iraquiana”. Imediatamente o Iraque conquistou o território kuwaitiano, bem como houve ação rápida da ONU e dos EUA, que se posicionaram contra o conflito, principalmente porque ameaçava a soberania da Arábia Saudita. Em 1991, foram iniciados alguns ataques aéreos contra o Iraque, durando apenas 42 dias, que foram suficientes para destruição em pontos estratégicos e para colocar os adversários em um impasse, os quais iniciaram uma fuga. Após isso, foram punidos pela ONU com algumas sanções e fiscalização por aviões estrangeiros, além de duas zonas de exclusão aérea, finalizando a Guerra do Golfo.

Inimizade árabe com as potências: 11/09

No início do século XXI, o mundo vivia em tensões motivadas por resquícios de guerras do século anterior. Dentre estas tensões estava o conflito econômico e político entre as potências ocidentais (Estados Unidos e o continente europeu, principalmente a Inglaterra) e a região do Oriente Médio (Iraque, Afeganistão, Irã, Kuwait e Arábia Saudita). Problemas econômicos, pois na região citada encontrava grandes fontes de recursos energéticos, principalmente o Petróleo e o Gás Natural, os quais fazem a economia internacional se movimentarem, já os políticos por conter grupos ideológicos de oposição distanciados da influência estadunidense, os quais exercem a maioria. Tais grupos de oposição, influenciados pelo islamismo e concepções extremistas, com destaque a Al-Qaeda exerceram grande atuação diretamente e indiretamente sobre grande parte da região árabe. Surgiram na década de 1980, durante a Guerra Fria, na dominação da URSS naqueles países. Estes foram financiados pelos EUA para revolução antissoviética, em que buscava depor o regime socialista presente na área. Contudo, após a Guerra do Golfo, os estadunidenses foram contrários às ideias de Bin Laden e da antecessora do grupo terrorista, os quais se firmaram para proteção das cidades sagradas de Meca e Medina dos ideais ocidentais.

Esse quadro se intensificou principalmente durante os últimos anos de 1990 e os primeiros de 2000, quando vigorou o regime de George W. Bush (1946-), Saddam Hussein (1937-2006) e Anthony Charles Lyton Blair (1953-), respectivamente os governos dos EUA, do Iraque e Inglaterra. Adveio dos resultados imprecisos da Guerra do Golfo (1991), citada anteriormente e do atentado em 11 de Setembro de 2001, protagonizado pelo fundamentalista Osama Bin Laden, líder do grupo terrorista Al-Qaeda e resultou em mortos e feridos na queda das duas torres do World Trade Center, popularmente conhecidas como “torres gêmeas”. Os EUA como medida imediata invadiram o Afeganistão para depor o Talibã e procurar Bin Laden. Contudo, dois anos depois decidiram guerrear com o Iraque na afirmação de Saddam Hussein estar envolvido com disponibilização de armas iraquianas aos terroristas, mesmo com o país sendo inimigo histórico da Al-Qaeda e de Bin Laden. “Ao contrário de Saddam Hussein, Bin Laden tinha como objetivo instaurar a Lei Sharia para todo o Oriente Médio” (LAWRENCE, 2005). Apesar disso, grande parte da população estadunidense acreditava na participação iraquiana em questões de armamentos químicos e envolvimento no atentado. “69% da população estadunidense acredita que haja possibilidade de

Saddan Hussein estar associado ao atentado” (MILBANK, 2003).

Com o apoio popular estadunidense e constantes reuniões com a Inglaterra e o Blair, primeiro-ministro da Inglaterra, lançaram o objetivo comum dos governos e nomearam “guerra ao terrorismo” ou “guerra ao terror”, com este último sendo o termo mais difundido. Apesar das diversas manifestações pacíficas pelo mundo para evitar um conflito armado e alguns países posicionarem-se contrários ao início de uma guerra, os EUA anunciaram o bombardeio nos territórios iraquianos, iniciando a guerra.

Captura de Saddam Hussein

No mesmo ano em que foi proclamado o bombardeio e o início da guerra, 2003, foi o ano de captura de Saddam Hussein, ex-ditador Iraquiano. A guerra foi proclamada não pelo Iraque ser visto como uma ameaça, e sim para tirar o autoritário do caminho, deixando livre o cargo para os estadunidenses assumirem o controle da região. Em dezembro é executada a ação militar contra o líder iraquiano. Este foi agredido e preso após a sua descoberta em seu esconderijo subterrâneo.

Após isso, ficou encarcerado em uma prisão provisória, onde posteriormente foi reconduzida a prisão de Bagdá, um dos principais cárceres norte-americanos na época. “É um homem cansado, um homem resignado ao seu destino” (SANCHEZ, 2003). Com isso, alojou-se por 2, quando foi aos EUA para decidirem a sua pena diante de um julgamento. Em 2004 foi considerado prisioneiro de guerra. Mesmo assim a custódia foi realizada pelo governo provisório iraquiano. Em 2005 foi julgado diante de várias tensões, indo de beijo ao alcorão até torturas em cativeiro.

Em 2006 foi sentenciado pelo governo iraquiano pelos crimes contra a humanidade como culpado, posteriormente punindo com a pena de morte, enforcando-o. Tal ação foi polêmica para a guerra, principalmente pelo lado árabe, que lamentara e temia uma grande crise política e econômica. “A execução de Saddam é um marco à democracia iraquiana” (BUSH, 2006).

Governo Barack Obama

Barack Obama foi o 44º presidente dos Estados Unidos, tomando o posto de Bush que durou 8 anos. Sua entrada foi uma verdadeira mudança em relação ao governo anterior, principalmente ao Oriente Médio e as guerras pendentes deixadas pelo antecessor. Isso porque, a política externa dos

Estados Unidos com o novo governante passou por uma metamorfose, afastando-se do neoimperialismo e aproximando-se da burocracia do diálogo e acordos pacifistas. Foi eleito com propostas de recuperação financeira, inclusão social e uma política externa da “paciência estratégica”.

O novo governo teve como uma das principais preocupações as guerras permanentes do Oriente Médio deixadas por Bush, bem como promover novas políticas aos EUA para suprir a crise econômica. O principal diálogo referente a isso foi à saída do EUA na “Guerra ao Terror” com críticas e alegações sobre as consequências deixadas pelo conflito, como a recessão econômica, além da perda de importantes acordos comerciais com países e credibilidade com órgãos, como a ONU e os direitos humanos. Conforme Haas (2009), o 44º presidente via a Guerra do Iraque como “war of choice (guerra de escolha)”, logo uma guerra não necessária.

Em 2009, foi declarada oficialmente a saída estadunidense da Guerra do Iraque com a retirada gradual das tropas, concluída apenas em 2011. De tal maneira, tal ação revela o novo perfil que o governo queria transmitir, contrapondo-se aos ideais passados de Bush de força militar e ascendendo o poder de influência e controle de forma discreta através das ideologias estadunidenses. Ademais, o nome da operação também foi modificado, indo de “GWT” à “Overseas Contingency Operations (Operações de Contingência ao Exterior). Conforme Jackson e Tsui (2017), Obama quis modificar os nomes para “guerra contra o extremismo violento” como preferencial.

Cenário Geopolítico dos envolvidos da guerra

A guerra do Iraque durou 8 anos e proporcionou diversas consequências aos envolvidos (EUA e Iraque). No seu término e durante a guerra, o Iraque esteve em um verdadeiro ostracismo, pois está constantemente instável politicamente e economicamente, com vários desafios e adversidades no pós-Guerra referente ao controle petrolífero e grupos terroristas. Conforme a publicação do Fund for Piece em “Failed States Index 2012”, o Iraque encontra-se na lista dos 12 estados com maior alerta, mais precisamente na 9ª posição.

O país por conta das guerras do Irã-Iraque, e posteriormente, da Guerra ao Terror, sofreu inúmeras consequências, e ainda sofre com estas, sendo alvo de misérias que assolam o país, altos índices de violência que não reduziram muito no pós-Guerra, além da instabilidade política constante e dos grupos extremistas que alastraram-

se durante esse tempo, como o recém-nascido ISIS (Estado Islâmico do Iraque e Levante), onde desde 2013 perseguem e dominam partes da Síria e Iraque, além de instalarem vários sistemas de corrupção.

A insegurança generalizada levou os iraquianos a refugiar-se nas suas identidades primitivas, procurando a proteção que o Estado lhes não proporcionava. Famílias, clãs, tribos, facções religiosas e étnicas. (SANTOS, 2008).

Para os Estados Unidos, com a chegada de Barack Obama e a mudança estratégica, realizaram uma transição de um país conflituoso no Oriente Médio para um pacificador e negociante com as organizações mundiais e os países orientais, com o intuito de suprir a crise financeira e as perdas das guerras, como os estimados 800 bilhões de dólares gastos durante a Guerra ao Terror. A constante busca de reaproximação com os muçulmanos, revelando um desejo de democratização da região para firmar acordos e exercer o viés ideológico estadunidense foram uma das maiores características no pós-Guerra. Apesar disso, sempre se mantiveram em supervisão sobre aquelas áreas, atuando em 2014, quando decretaram guerra ao EI. Com isso, os estadunidenses adotaram um perfil paciente e populista.

<https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/indicadores/article/view/191>

Referências bibliográficas

PECEQUILO, C. S.; FORNER, C. N. Barack Obama e o Oriente Médio: Um Panorama Crítico (2009/2017). Carta Internacional, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 110-115, 2017. DOI: 10.21530/ci.v12n2.2017.656. Disponível em: <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/articulo/view/656>

BELICHE, Talicia Oliveira. A política externa estadunidense e as origens dos grupos terroristas no Iraque. Relações Internacionais-Florianópolis, 2017. p. 73-86 Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10641>

RODRIGUES, Alexandre Reis. Que futuro para o Iraque? JANUS 2013 - As incertezas da Europa, p. 36-37, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/handle/11144/794>

GERMAUD, Amaury Patrick; FERNANDES, Maria Fernanda Lombardi. Depois do choque e do pavor: reflexões acerca da Guerra do Iraque. Indicadores Econômicos FEE, v. 31, n. 1, p. 21-36, 2003. Disponível em: